

O DISCURSO NO JORNALISMO ON-LINE: UM OLHAR SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE 2013*

Márcio Torres Gotierre Lopes/Universidade Federal de Lavras

Márcio Rogério de Oliveira Cano/ Universidade Federal de Lavras

RESUMO: O nosso estudo, busca demonstrar como, por meio da categoria de cenografia, constrói-se a imagem do manifestante no interior da enunciação e como se forma a identidade a partir da interface entre a identidade discursiva e a identidade social. Para tanto, serão utilizados os estudos sobre as cenas da enunciação de Maingueneau (2008), com intuito de entender o mecanismo de construção discursiva no interior da notícia veiculada pelo portal G1. Além disso, serão empregadas as propostas de Bauman (2007), Hall (2005) e Charaudeau (2009) para compreender o processo de formação das identidades. Os resultados demonstram, que a partir da rede de sentidos constituída no interior da enunciação, a identidade discursiva do manifestante é formada de maneira negativa, desqualificada e ilegítima. Observa-se que a identidade discursiva antipatizada atribuída ao manifestante se consolida na enunciação, pois se estabiliza sobre os estereótipos cristalizados no mundo social. Assim, corroboramos com a ideia de que a imparcialidade jornalística é apenas um efeito pretendido, mas impossível na língua e no discurso. A imprensa como instituição social, ligada a um grupo, constitui tais identidades a partir do seu posicionamento.

PALAVRAS-CHAVE: Cenas da enunciação. Discurso jornalístico. Identidade.

INTRODUÇÃO

No ano de 2013, o país passou por uma série de manifestações populares amplamente difundidas pelos veículos de comunicação, dentre os quais se destacam os meios jornalísticos on-line. O jornalismo no espaço on-line assumiu um papel relevante não só na cobertura das manifestações, mas também como um canal aberto de debate e discussão acerca dos inúmeros problemas sociais, econômicos e políticos vivenciados no Brasil. Neste sentido, o meio jornalístico traz para o mundo a informação revestida de uma veracidade tipicamente atribuída e reivindicada pelos veículos de comunicação. A nossa proposta é investigar o lugar social e o posicionamento que marcam as formas como as identidades são construídas. Para responder ao questionamento, é preciso entender como o jornalismo mobiliza os mecanismos linguístico-discursivos e como se institui os sentidos que são externados ao mundo social. Entretanto, os significados não se encontram acessíveis na superfície do texto, por isso, apoiamos-nos na Análise do

* XII EVIDOSOL e IX CILTEC- Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>

Discurso de linha francesa (doravante AD) para revelar os sentidos implícitos que não são perceptíveis nas interações comunicativas, mas que são construídos discursivamente na enunciação.

Para tanto, percorremos a seguinte metodologia. Seleccionamos uma série de notícias sobre as manifestações de 2013. Por uma escolha aleatória, reduzimos o volume de notícia para uma quantidade possível de se fazer análises exploratórias. Assim, aplicamos a primeira categoria, as cenas da enunciação, para detectar as identidades constituídas no discurso. Depois, passamos a analisar tais identidades por meio dos conceitos de Bauman (2007) e Hall (2005). Para este artigo, apresentamos uma amostra do nosso corpus, devido ao espaço de que dispomos.

1. CENAS DA ENUNCIÇÃO

Para a composição deste artigo, seleccionamos uma amostra do nosso corpus no portal G1, grupo Rede Globo, de 01 de janeiro de 2013, em que se veiculou a notícia com a seguinte chamada: “Polícia tenta identificar baderneiros em protesto de domingo no Rio”. A partir da notícia, recorremos a tríade teórica de Maingueneau (2008) sobre as cenas da enunciação: cena englobante, cena genérica e cenografia, as quais fornecem dados suficientes para entender a dinâmica da construção discursiva e, conseqüentemente, revelar como se instituem os sentidos na enunciação.

A cena englobante surge a partir do instante em que se reconhece o tipo de discurso. A cena genérica se estabelece no momento em que os papéis sociais do enunciador e do co-enunciador são evidenciados na enunciação, ancorada pelo próprio gênero discursivo. Porém, a plena interação entre o enunciador e o co-enunciador só vai ocorrer na cenografia. Por isso, o foco da nossa análise recai sobre a função da cenografia, pois é a partir dela que se forma a plena rede de sentidos na enunciação.

A cenografia é formada, então, a partir do desenvolvimento da enunciação, porque não nasce pronta, definida, mas sim é materializada pelo próprio desenrolar da atividade enunciativa. Por isso, é possível afirmar que a cenografia e o discurso são elementos interdependentes, em que um ao mesmo tempo que forma, é constituído, em contrapartida, pelo outro.

A escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir da sua cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio da sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que ele impõe (MAINGUENEAU, 2008, pag. 117).

A partir da definição que institui o discurso e a enunciação como elementos indissociáveis, que se formam e se relacionam em único movimento, pode-se dizer que a cenografia não é aleatória, mas sim desenhada estrategicamente.

A cenografia, que constrói o discurso jornalístico ao mesmo tempo que por ele é formada, configura-se como sendo de relato, pois faz uma descrição sequencial dos acontecimentos. Inicialmente, relata-se o enfrentamento entre a Polícia e um grupo de manifestantes, depois expõe-se a procura dos responsáveis pelos atos de enfrentamento. Nota-se nesse instante, que se estabelece uma relação metonímica quando se observa o termo “baderneiros”, trazendo um efeito de sentido que cria uma representação do todo pela parte. Ou seja, o pequeno grupo qualificado como “baderneiros” parece representar todos os manifestantes.

Na sequência da cenografia, há a realidade numérica dos envolvidos na cena e características das vestimentas utilizadas pelos participantes do protesto. No primeiro momento, o manifestante não parece se posicionar como um sujeito violento, porém a imagem do manifestante se altera quando, através da memória discursiva, revela-se uma alusão ao grupo “black bloc” no instante que se utiliza a expressão “máscaras e panos”, referindo-se aos trajes utilizados. Pois, pela própria exposição midiática, esse grupo se caracterizou por utilizar máscaras, protagonizar ações violentas e dano ao patrimônio público e privado.

Posteriormente, a cenografia descreve o momento em que os manifestantes e a Polícia entram em confronto. A cenografia molda a imagem do manifestante como o responsável pelo início dos confrontos e relata que desse conflito um agente de segurança pública é ferido por uma bomba caseira. É relevante notar que não se diz se algum manifestante foi ferido e qual é a gravidade do ferimento do policial. Essas informações genéricas formam uma construção de sentido global que pode fazer com que todo manifestante seja considerado hostil e indesejado, pois não há responsabilidades individuais pelos atos, mas sempre descrições vagas e imprecisas.

Identificamos no processo de análise a cena englobante jornalística, a cena genérica notícia e, predominantemente, a construção da cenografia de relato. O desenvolvimento da cenografia não é linear, pois se observa, inicialmente, que os fatos são meramente relatados. Em contrapartida, nota-se que a cenografia de relato alterna-se momentaneamente com a cenografia típica de guerra, contudo a cenografia de descrição dos acontecimentos marca uma posição preponderante na composição das cenas.

Por fim, que é atribuído ao manifestante uma conduta transgressora, porque ocorre um processo de deslegitimação das manifestações e a construção de uma identidade como sendo a de um manifestante-baderneiro. Por isso, a notícia traz um discurso, que pela força da cenografia, constrói a imagem de um manifestante hostil, violento e responsável pelo dano à propriedade privada e pública.

2. NOÇÃO DE IDENTIDADE

A partir da imagem construída no interior da enunciação é possível compreender a formação da identidade discursiva do manifestante, que de certa forma, confirma os próprios elementos sociais.

Charaudeau (2009) enriquece o debate sobre o processo de formação identitária quando afirma que a identidade se constrói na interface entre o ato de linguagem e a identidade social, ou seja, a identidade surge na enunciação, pois o

discurso se apropria dos dados sociais, modifica-os e os projeta para o mundo, criando as representações sociais.

Por isso, a imagem negativa do manifestante surge pelos sentidos revelados no discurso, mas somente se concretiza pela memória discursiva que configura a realidade social. A identidade discursiva do manifestante oscila na enunciação e não assume uma unidade específica, pois se observa a variação contínua da sua personalidade em decorrência da mobilidade da cenografia que se apresenta como relato, depois como típica de guerra e, por fim, reingressa novamente no quadro de descrição dos fatos. A flutuação da identidade discursiva do manifestante só é possível, porque o discurso que circula no espaço social também apresenta identidades variáveis e instáveis. O que se quer dizer é que a identidade na enunciação se forma a partir dos discursos que orbitam o universo social.

Ao se observar o momento em que a cenografia veste o corpo discursivo do manifestante de maneira semelhante à imagem de um membro do grupo “black bloc”, nota-se que essa construção se materializa pela noção estereotipada do comportamento e da forma de se vertir de um “black bloc”. A identidade na enunciação, então, constitui-se no espaço limítrofe entre o discurso e o mundo físico. Por isso, utilizamos a noção de identidade de Hall (2005) e Bauman (2007) para aprofundar o conhecimento sobre o processo de formação identitária no espaço social, já que, o sujeito discursivo e o sujeito social estão interligados na construção da identidade na enunciação.

O mundo pós-moderno experimenta a era da “crise de identidade” conforme supõe Hall (2005, pag.1), pois a concepção de identidade estável, fundada na sociedade moderna, encontra-se em decadência e cede lugar para a ideia de uma identidade inconsistente. Segundo o sociólogo, as formações identitárias sólidas encontram-se em processo de desconstrução contínua, pois o sujeito pós-moderno encontra-se diluído, disperso e desconexo de um lugar social fixo.

Bauman (2007), que defende a construção das identidades pela lógica do consumo, reforça a teoria de Hall (2005) quando afirma que o indivíduo na sociedade atual é levado a agir como todos os que o cercam, assim, o sujeito perde, segundo o teórico, a sua essência de ser exclusivo e único, pois a característica essencial que constitui o indivíduo é a que o coloca na condição de ser diferente dos outros.

Desta maneira, a identidade de não pertencimento proposta por Bauman (2007), e a noção de identidade fragmentada idealizada por Hall (2005) se concentram em um ponto crucial em que não há coesão identitária no mundo contemporâneo. Ao trazer essa concepção para a nossa pesquisa pudemos observar que a identidade social do manifestante encontra-se marcada pela heterogeneidade, pois não existem lideranças definidas, grupos solidamente formados e reivindicações específicas. A identidade discursiva do manifestante, por sua vez, também se estabelece de maneira heterogênea, já que, o sujeito do discurso e o sujeito social formam a identidade do sujeito no enunciado.

A heterogeneidade da identidade no interior da enunciação contribui para a formação de uma concepção negativa acerca do manifestante e reforça a imagem construída pela cenografia de um sujeito hostil e transgressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos observar como a cenografia constrói a imagem do manifestante no interior da enunciação e como se forma a identidade a partir da interface entre a identidade discursiva e a identidade social, podendo, dessa forma, revelar como, discursivamente, as identidades vão sendo construídas e enraizadas na sociedade. Observa-se que, ao produzir um discurso, atualizam-se os estereótipos sociais que já foram produzidos em outros discursos, num processo de retroalimentação. Uma identidade retomada várias vezes em vários discursos faz com que a sociedade a enxergue de forma natural, como única forma de representar um grupo. No discurso que analisamos, a estratégia cenográfica possibilita uma adesão entre enunciador e co-enunciador que perpetua essa identidade do manifestante como: hostil, violenta, transgressora.

A partir dos sentidos revelados pela observação da enunciação identificamos a neutralidade da atividade jornalística é um efeito pretendido, mas que jamais ocorre no discurso, pois a imprensa constitui as identidades a partir do seu posicionamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CHARAUDEAU, "**Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional**", In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) O trabalho da tradução. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009. Disponível em: < <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em 06 de abr. de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização: Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008.

PORTAL G1. Polícia tenta identificar baderneiros em protesto de domingo no Rio, (2013). Disponível em: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/policia-tenta-identificar-baderneiros-em-protesto-de-domingo-no-rio.html>>. Acesso em: 12 de set. de 2013.

Polícia tenta identificar baderneiros em protesto de domingo no Rio

Confusão começou meia hora antes da final da Copa das Confederações. Homem foi preso em flagrante e dois foram detidos neste domingo (30).

01/07/2013 19h56 - Atualizado em 01/07/2013 19h56

A Polícia Civil investiga e tenta identificar o pequeno grupo de baderneiros que enfrentou a PM perto do estádio do Maracanã, Zona Norte, durante a final da copa das confederações, na noite de domingo (30), como mostrou o RJTV.

Segundo a PM, cerca de 1.200 manifestantes estavam no entorno do estado. Alguns deles, com máscaras e panos, ficaram cara a cara com os policiais que bloqueavam o acesso ao Maracanã, no cruzamento entre a Rua São Francisco Xavier e a Avenida Maracanã. De acordo com a PM, 6,5 mil policiais trabalharam no local e ainda contaram com um reforço de 600 homens da Força Nacional de Segurança. Meia hora antes do início do jogo, o tumulto começou quando pedras foram atiradas nos policiais, que reagiram com bombas de gás lacrimogêneo e spray de pimenta. Durante o confronto, um policial foi atingido na perna por uma bomba de fabricação caseira.

Em busca de refúgio, os manifestantes correram para um posto de gasolina, que serviu de cenário para uma nova confusão. Mais bombas de gás foram lançadas e muita fumaça cobriu as ruas do bairro, o que fez com que muitos moradores tivessem que sair de suas casas. Perto do protesto, médicos voluntários atendiam as pessoas que passaram mal e socorriam os feridos com as armas não-letais.

Durante a confusão, o grupo principal de manifestantes se dispersou, mas alguns jovens infiltrados tentaram quebrar um ponto de ônibus. Logo depois, cerca de 200 pessoas que insistiam em se aproximar do estádio, voltaram a enfrentar os homens do Batalhão de Choque da PM. Torcedores que assistiam ao jogo pela TV nos bares da região foram hostilizados por quem participava do protesto. Algumas lojas fecharam as portas com receio de depredação.

No fim da partida, um pequeno grupo ainda tentou bloquear as pistas da Radial Oeste. Depois de uma negociação com a polícia, os manifestantes foram escoltados até a estação do metrô de São Cristóvão, na Zona Norte. A Polícia Civil disse que neste domingo um homem foi preso em flagrante e dois foram detidos. Desde o início dos protestos, quarenta e oito pessoas foram presas em flagrante e vinte delas permanecem na cadeia. Até esta segunda-feira, só um mandado de prisão foi expedido. Para a polícia, o trabalho de investigação é complexo e não pode ser feito com pressa.